

## ARTE POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE RESISTÊNCIA NO PANTANAL: INTEGRANDO SABERES EM DIÁLOGO

KAWAHARA, Lucia Shiguemi Izawa - [Kawahara.lucia@gmail.com](mailto:Kawahara.lucia@gmail.com)

QUADROS, Imara Pizzato - [imarapquadros@gmail.com](mailto:imarapquadros@gmail.com)

SATO, Michèle - [michelesato@gmail.com](mailto:michelesato@gmail.com)

**Apoio financeiro:** Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (INAU) - Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia - CNPq/MCT.

**Resumo:** O presente texto busca socializar um saber pantaneiro, a feitura da canoa, como um conhecimento acumulado e reconstruído no Pantanal Mato-grossense que revela um processo de trabalho coletivo, de uma ecologia de resistência em diálogo com as orientações dos serviços ecossistêmicos. A pesquisa desvelou a existência de uma prática tradicional mantenedora da indissociabilidade das dimensões axiológicas, praxiológicas e epistemológicas da Educação Ambiental na arte de esculpir a canoa. Revelando que o saber tradicional não é estático, mas moldado no compasso da invenção e reinvenção cotidiana que faz da canoa a práxis educativa da sobrevivência, bem como da ecologia de resistência nas lutas pela sustentabilidade da identidade pantaneira. Esta pesquisa fenomenológica reafirmou a necessidade da integração da arte e ciência à manutenção da esperança por um mundo melhor, compreendendo que a canoa não é um mero meio de transporte, mas essencialmente uma escultura da arte que esculpe diversos sentidos pedagógicos.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental, Arte e Identidade Cultural

**Abstract:** This text seeks to socialize the traditional knowledge of the wetland, the manufacture of the canoe, as an accumulated and reconstructed knowledge in the Pantanal, which reveals a process of collective work, ecology of resistance in dialogue with ecosystem service's orientation. The survey revealed the existence of a traditional practice that maintains the inseparability of dimensions axiological, practice and epistemology of Environmental Education in the art of carving a canoe. Revealing that traditional knowledge is not static, but shaped in the pace of the invention and reinvention of the everyday life; that makes the canoe educational praxis of survival, as well as the ecology of resistance in the struggle for an identity of the wetland sustainability. This Phenomenological research reaffirmed the need for integration of art and science to maintain hope for a better world, realizing that the canoe is not a mere means of transportation, but essentially a sculpture of art that sculpts many ways of education.

**Keywords:** Environmental Education, Art and Cultural Identity

## APRESENTAÇÃO

Nos dias atuais, novas informações, inovações tecnológicas são anunciadas a todo instante, mudanças de valores, níveis recordes de pobreza, relações cada vez mais complexas no mundo globalizado nos provocam a tomar decisões enquanto cidadãos e educadores. Vivenciando o ritmo de transformações aceleradas e inacabáveis injustiças socioambientais existentes, aspiramos muitas vezes a ocultar nossas aflições, diminuir nossos receios ante as incertezas, desviando o foco do verdadeiro objetivo da educação libertadora (FREIRE, 1987) ou enfraquecendo nossas forças de indignação e resistência. Ainda que ciente das informações, os fatos quase não modificam nossas vidas, pois inscrevemo-nos num círculo vicioso de individualismo, alheio ao círculo virtuoso do coletivo.

Lembramo-nos de Hundertwasser arquiteto austríaco e as palavras de Trajber & Sato (2010) que ponderam termos todos, o “DIREITO DA JANELA”, de ficar na introspecção de nossa intimidade, debruçados na janela olhando a vida lá fora, mas no direito de organizar as milhões de ações que invadem centripetamente nosso ser. Um EU-fenomenológico de arriscar buscar os sentidos do mundo, resignificando nossa presença no mundo. Contudo, esta é apenas um componente da dinâmica, o outro é conseguir sair da janela e exercer o “DEVER DA ÁRVORE”. Um dever coletivo da cidadania em agir centrifugamente para o mundo, naquilo que EU e o OUTRO podemos vir-a-ser com o mundo. Para além da existência pessoal, o devir coletivo exige que não sejamos vacinados contra as violências da nossa era, mas que saibamos nos indignar a cada ato de agressão que fere o mundo socioambientalmente.

O Projeto de Lei nº 8.035/2010 que versa sobre o Plano Nacional de Educação [PNE] para o período de 2011 a 2020<sup>1</sup>, demonstra as discussões e convergências de esforços dos educadores brasileiros à construção de uma educação com visão sistêmica, universalizada e inclusiva que atenda aos direitos humanos como orienta a Constituição e a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 1996 - LDB). O referido Plano reitera a busca incessante e incansável de professores do Brasil e do mundo em alcançar a formação integral dos estudantes, como desafio desta década de incertezas.

A educação não fará milagres, nem tem a ambição de salvar a crise planetária, e temos ciência do quão árduo e distante nos parece ser o alcance da educação e justiça socioambiental que desejamos no mundo em que vivemos. Pela história da humanidade sabemos que tal sonho não é possível, se continuarmos com o modelo desenvolvimentista de exploração e estagnação dos recursos ambientais e humanos inerentes à lógica neoliberal e de globalização econômica (SOUZA SANTOS, 2005; HARVEY, 2010).

O ser humano e a natureza foram separados em nome da racionalidade, do desenvolvimento e da ciência, exilando a natureza ao espaço de externalidade e mero objeto de exploração (SOUZA SANTOS, 2000). A despeito da ciência positivista ter buscado o controle, a assepsia e a universalização de verdades racionais; apesar do desenvolvimento científico-tecnológico a serviço da ordem e do progresso fortemente

---

<sup>1</sup>MEC. *Plano Nacional de Educação [PNE]*. Projeto de Lei n.º 8.035/2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16478&Itemid=1107](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16478&Itemid=1107) . Acesso em 06 abril.2011.

perseguido no mundo ocidental, o universo mostrou-se dialógico, complexo, e, a vida, dinâmica e inusitada, como processos que se definem muito além da racionalidade humana da modernidade.

Por muito tempo, disseminou-se uma corrida a favor do capital e gerou-se a noção de que o desenvolvimento era condição *sine qua non* para que a humanidade fosse feliz. Com as excessivas racionalidade e materialismo do mundo ocidental moderno, a civilização rumou por um caminho inexorável de injustiças, não apenas no tocante ao contexto social, mas também às injustiças ambientais. Por certo que devemos debater a noção de desenvolvimento de forma mais densa, no entanto, é evidente conferir que este modelo estabeleceu mais incertezas do que certezas; mais benefício à minoria do que justiça social; e muito mais prejuízo ambiental do que construção de uma política que pudesse favorecer a conservação do ambiente. Assim, diante da miserabilidade generalizada, alguns pensadores se esforçam em dialogar sobre a construção do mundo sob uma nova ótica (BAUMAN, 2003; MORIN, 2007), que, cuidando e protegendo a qualidade ambiental do planeta, tenhamos o reconhecimento da importância da qualidade social de vida de todos com justiça socioambiental.

Atualmente enfrentamos inúmeros desafios, e a educação tenta responder a tais desafios, seja dentro da escola ou fora dela, tentando restaurar uma visão que consiga estabelecer as pontes de comunicação e de sentidos, entre o local e o global. Coragem e sensatez nos são necessários para assumir a incerteza que nos acomete e dispormos a aventurar criativamente na incerteza dos nossos tempos, permitindo-nos a deliciar com a fluidez do tempo e espaço que se reconstruem a todo instante. Paulo Freire sempre nos convidou a assumir nossa condição de seres inacabados e o contexto atual nos dá o privilégio de o realizarmos, buscando a compreensão de nós mesmos, aceitando-nos mutantes e híbridos, aprendendo a construir caminhos, caminhando. Acreditar na possibilidade da construção de sociedades sustentáveis, alimentando a esperança, aprendendo a cuidar de si, do outro e do mundo de forma mais afetiva, criativa, justa e humana (HALL, 2005; PASSOS e SATO, 2005).

Nesta conjuntura, à educação compete a formação integral de sujeitos autônomos, críticos e capazes de realizar escolhas e ações de forma consciente e sustentável. A identidade cultural tecida e mantida em determinada região, com suas especificidades territoriais e identitárias deve ser valorizada como saber local e a ação educativa deve realizar o diálogo deste saber com o saber global.

Em 1996, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI apresentou para a UNESCO um relatório com os quatro pilares básicos essenciais à educação no século XXI: (1) aprender a ser; (2) aprender a conviver; (3) aprender a conhecer; e (4) aprender a fazer - como sustentáculos da formação de cidadãos capazes de realizar um desenvolvimento humano integral com base no multiculturalismo de respeito entre os povos e a reconstrução das relações com o mundo (DELORS, 2006). Estas perspectivas são exatamente as dimensões buscadas na Educação Ambiental Pós-crítica, as dimensões axiológica (saber ser e conviver), praxiológica (saber fazer) e epistemológica (saber conhecer) indissociáveis, que orientarão as reflexões às construções de alternativas sustentáveis nos dias atuais.

No contexto da educação ambiental e da sociopoética<sup>2</sup> deste grupo pesquisador será preciso também: (5) aprender a sentir, não apenas pela racionalidade cerebral, mas como o corpo inteiro; (6) aprender a errar, compreender que tal fragilidade pode ser oportunidade de alçar a transcendência; (7) aprender a enxergar o outro, o diferente trará conflitos, mas aprender que a ação coletiva deve estar acima do individualismo. Não é necessário alcançar o consenso hegemônico, mas é preciso (8) aprender que existe vários saberes e que a educação não deve hierarquizar os conhecimentos populares e científicos; (9) aprender a viver no conflito, potencializando os elementos favoráveis para reconhecer a importância das diferenças culturais, entendendo os elementos opressores e lutar contra eles; (10) aprender a diferenciar diversidade de agressão, reconhecendo que muitas vezes é imperativo perguntar contra quem a educação ambiental está sendo proposta; e essencialmente (11) aprender a vir-a-ser, não naquilo que o produto exige da existência presente, mas do que o processo aponta no devir do amanhã.

A educação que buscamos e da qual o relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI apresentada para a UNESCO, conforme descrito acima, está presente em São Pedro de Joselândia. No Pantanal mato-grossense, a feitura de uma canoa revelou a não fragmentação dos saberes e a formação identitária de pessoas com um jeito singular de ser e estar no mundo de forma sustentável, solidária, versátil e apaixonada. A arte de gerar uma canoa pantaneira permitiu-nos testemunhar a presença da formação integral do sujeito, a integração da aprendizagem do saber fazer, conhecer, ser e conviver de forma solidária, revelando uma educação necessária e tão almejada pelos educadores neste milênio.

Percebemos ainda a elaboração de algumas táticas resilientes de sobrevivência, muito mais do que isto, estes pantaneiros habilmente tecem uma “ecologia de resistência” (SILVA & SATO, 2011), provocando a sofisticação tecnológica que não traz a mesma essência da liberdade em se viver naquela comunidade pantaneira. Ou seja, esta comunidade adaptando-se ou resistindo às mudanças, vai tecendo a identidade no cotidiano do devir. São Pedro de Joselândia não é um lugar antagônico da civilização, como se o afastamento das cidades trouxesse um sentimento idílico do “bom selvagem”, mas talvez seja um local onde as experiências materiais e imateriais se coadunam em complementação, mantendo a identidade da existência na esperança do devir.

A compreensão das manifestações dos sujeitos envolvidos na escultura da canoa pantaneira foi orientada à luz da fenomenologia (BACHELARD, 1993), fortalecida pela construção coletiva da sociopoética (SATO, GAUTHIER, PARIGIPE, 2005), possibilitando-nos escrever o presente texto multidisciplinar por diversas mãos, percepções e encantamentos.

---

<sup>2</sup> “A sociopoética fenomenológica implica na retirada do *eu-colonial* e do *tu-colonial* à formação de uma alteridade-cívica, alteridade na qual mais do que um diálogo, haja uma triangulação entre diversos, superando o perigoso alternacionismo binário que introduziu uma civilização do SIM ou do NÃO, das séries infinitas do ‘zero’ e do ‘um’, da representação de completudes, dela expulsando a diferença, a alteridade incômoda, que salutarmente explode nossa condição divinizada e eterna, tornando-nos, também, passageiros (*viator*).” (SATO, PASSOS, ANJOS, GAUTHIER, 2004, p. 49)

## CONTEXTO

A Avaliação Ecosistêmica do Milênio – AEM coordenada e patrocinada pelas Nações Unidas objetivou realizar o estudo das consequências das mudanças nos ecossistemas e a relação dos impactos com o bem-estar humano. O relatório da AEM elenca quatro serviços ecosistêmicos (suporte, provisão, regulação e cultura) que se interagem e formam uma unidade funcional complexa do planeta. Os resultados da AEM revelam degradações significativas como barreiras expressivas, confirmando a crise socioambiental no planeta, apontando para a imprescindível necessidade de mudanças políticas, institucionais e práticas para a mitigação dos impactos sobre os ecossistemas. Elegemos os serviços culturais como base para as mudanças necessárias, bem como a possibilidade de encontrarmos sinalizações de alternativas de modo de ser e viver de forma mais sustentável, pois como educadores entendemos a importância constitucional dos serviços culturais e nas relações destes com os demais serviços de suporte, provisão e regulação.

A avaliação revela que os 50 últimos anos acarretaram nos ecossistemas, perdas substanciais e irreversíveis, apesar dos ganhos de bem-estar humano, enfrentamos três grandes problemas:

Primeiro, cerca de 60% (15 entre 24) dos serviços dos ecossistemas examinados durante a Avaliação Ecosistêmica do Milênio têm sido degradados ou utilizados de forma não sustentável.

Segundo, há evidência definida, porém incompleta, de que as mudanças em curso nos ecossistemas têm feito crescer a probabilidade de mudanças não lineares nos ecossistemas (incluindo mudanças aceleradas, abruptas e potencialmente irreversíveis) que acarretam importantes consequências para o bem estar humano.

Terceiro, os efeitos negativos da degradação dos serviços dos ecossistemas (constante diminuição da capacidade que um ecossistema tem de fornecer serviços) tem recaído de forma desproporcional sobre as populações mais pobres, o que tem contribuído para o aumento das desigualdades e disparidades entre diferentes grupos da população, sendo às vezes o principal fator gerador de pobreza e conflitos sociais (AEM, 2005, p. 4).

Tais dados nos fazem compreender que o desafio está na recuperação da capacidade do pensamento complexo de cada um de nós, pois na modernidade perdemos a compreensão do processo como um todo, conseqüentemente do poder de decisão e de ação pela fragmentação do trabalho, bem como do ensino (SILVA, 2005). Portanto, a visão sistêmica do mundo e a promoção da sustentabilidade socioambiental e ainda, a promoção humanística no país devem ser instauradas como política pública nos dias atuais, como preconiza a minuta acima apresentada do Plano Nacional de Educação 2011 a 2020, em seu Artigo 1º, inciso VI e VII.

A Educação Ambiental não é neutra e por abarcar a concepção crítica e complexa das questões socioambientais, permite a superação da visão reducionista e dicotomizada da modernidade (VIÉGAS, 2005; BAUMAN, 2005). Ela busca o entrelaçamento do respeito às diferentes identidades e do permanente processo de construção de valores, comportamentos e conceitos, respectivamente, dimensões axiológicas, praxiológicas e epistemológicas da Educação Ambiental (PASSOS & SATO, 2005).

A incompletude humana e o fortalecimento das relações são consideradas na Educação Ambiental Pós-crítica que não teme as incertezas e busca criar novas possibilidades no próprio cotidiano, pois urge considerar “a subjetividade, as relações intersubjetivas e a fundamentação como um conhecimento não-linear, fazendo analogia com a metáfora da rede para compreender a vida e o conhecimento” (TRISTÃO, 2009, p. 06).

A realidade nos projeta à necessidade de apreciar as múltiplas referências, o diálogo e o entendimento dos distintos modos de ser e estar no mundo, como nos estimulou Maffesoli (1988, p.57): “este fim de século mostra a saturação de uma certa prática teórica, tal fato nos deve incitar a buscar com audácia, uma atitude alternativa mais apta a acercar-se da vida de todos os dias” e portanto, conhecer melhor as diferentes realidades e identidades que motivam modos de vida de lugares peculiares do mundo para a construção de sociedades sustentáveis.

Concordamos com Bhabha (1998), Hall (2005), Bauman (2005) entre tantos outros autores, que não existe uma cultura nacional ou homogeneização de identidades e compreendemos que existem grupos diversificados, comunidades com identidades próprias, construídas em meio ao mundo pós-moderno acelerado e com transformações infundáveis. Segundo o próprio relatório da AEM, os serviços ecossistêmicos de provisão, regulação, suporte e culturas estão diretamente relacionados com o bem estar humano que por sua vez está conectado aos fatores ambientais, econômicos, sociais, tecnológicos e culturais que devem estar diretamente ligados à liberdade de opções que busquem alternativas por um mundo melhor.

Buscamos conhecer possibilidades de diferentes formas de ser e estar no mundo atual, não como verdades únicas ou receitas, mas oportunizando audiência às vozes das comunidades por meio de uma Educação Ambiental que nos livre das amarras da modernidade e que nos oriente ao diálogo cheio de “confetos”, um espaço híbrido entre conceitos e afetos, na proposta coletiva de aprender com prazer as possibilidades e respostas aos desafios existentes (FREIRE, 1996; SATO, GAUTHIER, PARIGIPE, 2005).

## DESENVOLVIMENTO E MÉTODO

O solo paradigmático que sustenta nossas trilhas reflexivas e metodológicas reside na Fenomenologia da imagem de Gaston Bachelard. A fenomenologia proposta por este intelectual revela possibilidades de ligação entre duas culturas - a científica [Razão] e a humanista [Poética], que foram consideradas em separadas, até então. Bachelard une estas duas forças com igual simetria e força, pois se encontram na imaginação criadora, considerando que muitas vezes se revelam opostas, mas que uma não exclui a existência da outra. Este filósofo revela que o que se procura na ciência e na poesia juntas, é um entrelaço entre o humano e o mundo. Se considerada a fenomenologia com base em Bachelard, se encontra eco para tornar a poesia e a ciência complementares, entrelaçando-as como dois contrários perfeitos. No nosso caminhar o que pretendemos é o cozer razão e sensibilidade, razão e poética, imagem e escrita e Ciência e Arte.

Se a racionalidade for mesmo inteligente, ao invés de afastar a subjetividade [ou mantê-la distante], irá acolher a diferença, potencializando o diálogo entre elas. Por certo será um diálogo tenso, e oxalá fenomenologicamente

inacabado, para que a humanidade perceba que o discurso [...] instituído necessita ser reconstruído sob uma perspectiva mais instituinte (SATO, 2009, p.17).

Para Bachelard (1993, p. 4), a imagem tem sua gênese na comunhão da realidade com a subjetividade, desenhando a consciência ingênua, portanto, se configuram em documentos [concretude] da consciência sonhadora [devaneios]. Para este filósofo, a imagem no sentido poético é um acontecimento da razão sensível, por este motivo, a imagem é a expressão criando o ser. Ainda aponta este filósofo:

A imagem poética não está limitada a um impulso como um eco do passado, mas ao contrário, ela se inscreve em sua novidade, atividade e repercussão, na ressonância da imagem como um ser próprio, um dinamismo próprio. Nesta ressonância, a imagem poética terá uma sonoridade do ser. E o poeta falará no umbral deste ser” (BACHELARD, 1998, p.8).

Chevalier e Gheerbrant (2003, Introdução, p. XIII) consideram que “as palavras são indispensáveis para sugerir sentidos simbólicos, mas são incapazes de expressar-lhe todo o valor”. Afirmam eles que símbolos “revelam velando e velam revelando”, provocando um aprofundamento da existência [ressonância centrípeta bachelardiana]. E importa dizer que há também a repercussão centrífuga que parte desta existência à busca do devir (SILVA & SATO, 2011), e se fenomenologicamente inacabados, as vozes velam e nem sempre revelam o mistério do mundo. Certamente, há e sempre haverá, mistérios que nunca se desvendará e nem se quer anunciar, ou seja, nem toda ciência é capaz de descobrir as dinâmicas pulsantes no universo que se mantém revelada por algum período, que vela seus mistérios.

O percurso fenomenológico à Joselândia se fez de escutas<sup>3</sup> sensíveis. Uma escuta de lugares, pessoas e fazeres na expectativa de melhor desenhar a identidade neste território úmido. A recolha dos dados se configurou basicamente por duas vias em complementaridade: o diário de campo de cunho científico, enriquecido de forma sensivelmente artística pelo diário imagético, ou seja, pelas imagens desenhadas, fotográficas e filmicas.

Nesta empreita investigatória, se usou o diário de campo, onde se anotou e apontou as entrevistas semiestruturadas realizadas, bem como os registros do percebido pelas pesquisadoras no acompanhamento do trajeto do “fazer canoas”. Concomitante, se apreendeu o “fazer canoa” também em áudio e vídeo, que no intuito de complementar ao diário de cunho científico, se mostraram recursos de mídia ricos para o olhar e a compreensão do percebido em campo na proposição da pesquisa.

O processo da feitura da canoa pantaneira, sua imagem, etapas de sua transformação e escultura nos permitiu vivenciar o desvelar dos sentidos simbólicos e valores pulsantes na identidade e no saber daquela comunidade que tem íntima relação dos hábitos com o habitat em que vivem.

---

<sup>3</sup>O conceito de escuta empreendido foi de uma escuta em total complementariedade do olhar/visão, um visual expandido pelo sonoro ou vive-versa, na expectativa de melhor captar o foco da pesquisa.

## A feitura da canoa

Ao se expressarem, as pessoas estão comunicando seus sentimentos, bem como, suas leituras de mundo [significações-valores]. Para tal empreendimento humano está envolvida mais de uma forma expressiva, no plural, e não, como se acredita a primeira vista, que a comunicação se dá de maneira singular, por uma via expressiva somente.

Considerando que cada grupo social cria e estabelece formas próprias de vida na relação com o lugar onde vivem, e assim sendo, são expresso-comunicados por diferentes formas, se pode afirmar que as manifestações diversas não se encontram confinadas somente no território da oralidade e/ou da escrita [expressões instituídas], mas compõem o vasto repertório de expressões corporais, sonoras e imagéticas, ou como preferem alguns estudiosos, um variado mundo de expressões não verbais [expressões instituintes].

A Arte Popular é uma forma de expressão que desvela uma sensibilidade estética local e própria, ou seja, não é uma estética com fins econômicos como propõe o mundo industrial. Os produtos da arte popular são criados para atender as necessidades da vida cotidiana, numa primeira instância. Na contemporaneidade estes produtos se prestam também para atender a sobrevivência econômica de quem os produz, por meio da venda da produção, geralmente em pequena escala, ou como preferem alguns, uma produção artesanal de “fundo de quintal”. Mas o que se deseja sublinhar neste trajeto é a criação, ou seja, o processo de transformação desenhado pela mão e sensibilidade humana.

A arte reconhecida como popular expressa uma identidade local, uma maneira própria de saber fazer [tradição] com base no jeito de ser e estar historicamente construído, sempre contada pela ótica do fazedor, que foi passada pelos mais velhos aos mais novos fora do âmbito escolar. Embora este caminho obedeça a uma trilha social-histórica, cada fazedor [artista popular] imprime sua ‘marca’ [estilo] no seu objeto criado via seu processo criador. Isto posto, se conclui que a arte popular é uma expressão que revela o ser humano na ótica do feito à mão, agregando nos produtos da arte popular um valor que deve importar para o bem estar da humanidade e da vida no planeta.

Paulo Freire (1989) aponta o diálogo como essencial e denuncia a “palavra-imagem” como força vital, justificando que é nela [palavra-imagem] que se contorna a dor, a alegria e os desejos, entre outros aspectos da vida humana. A experiência arte-educativa favorece o desenvolvimento sensível e cognitivo, apura conceitos e posições diante do mundo, diante da vida. Se a arte realmente representar a estética da vida, em seu sentido amplo para além da beleza, e na ultrapassagem de tendências, escolas ou modismos, ela certamente se revelará como um tecido onde o mosaico ambiental estabelecerá a essência educativa bordada pelas vivências dos grupos sociais.

Pelas andanças investigatórias em São Pedro de Joselândia, pantanal de Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil, na ideia de conhecer a arte popular produzida nas áreas úmidas é que se encontrou, entre outros objetos artísticos, a canoa.

São Pedro é um destes lugares onde o canto das águas se mistura com a festa das estrelas. Sem precisar de portos, cada curva pode ser a parada necessária para compreender o significado de “áreas úmidas”. Na rota que se desenha, talvez a aventura



nem chegue a um final, pois o contato com a água faz o imaginário borbulhar em ideias, sentimentos e esperanças.

É no tempo úmido das águas que os canoeiros de Joselândia fazem canoas. Para além da pesca ou do transporte, uma canoa pantaneira transcende qualquer significado material e torna-se expressão da arte fincada na cultura imaterial do patrimônio pantaneiro, que teve sua gênese no matrimônio com a beleza natural.

O tempo das águas se apresenta próprio para a época da “feitura” da canoa; e a arte está na possibilidade de sonhar sem precisar dormir; de cantar sem a necessidade de ser afinado nas cordas de um rio, ou de dançar nas águas que se ondulam pela passagem da canoa.

O Pantanal é um lugar misterioso e nas suas águas entrelaça gente e natureza, águas e terras tecendo estradas de paixões que ardem ao por-do-sol, e entoar o canto dos pássaros que cortam o ar no acalento da brisa, assim sendo, este lugar se revela muito além de qualquer preço econômico. A cultura torna-se íntima da natureza, e a arte se alia ao cotidiano de lutas. Talvez carregue tristezas, talvez carregue saudades... Mas encostada na margem, uma canoa consegue rimar paisagem com coragem: de resistir aos avanços de tecnologias frias, de modernidades líquidas ou de urbanidades vazias e persistir na identidade onde as águas constroem novos territórios de um tempo das águas (SATO, 2011).

Neste Pantanal de Mato Grosso, são os homens que se prestam às feitura das canoas, conhecidos como Mestres aprenderam a esculpí-las com os mais velhos, e sempre ensinam aos mais jovens interessados. A canoa do Pantanal de Joselândia é esculpida ao ar livre e a partir de um único tronco de árvore, onde é derrubada, cortada e depois escavada com instrumentos específicos, até atingir sua forma final e servir como extensão do próprio corpo desta gente, no tempo das águas.

Para esta feitura, o processo é feito na cheia [chuvas] e em duas ambiências de trabalho: a primeira etapa é toda feita na ambiência líquida onde é efetivado o trabalho mais amplo, ou seja, cortes iniciais dados ao tronco para chegar à forma primeira da canoa; e na ambiência seca se alcança um lapidar detalhado, ofertando o acabamento da canoa. Todo trabalho é realizado no esforço e solidariedade coletivo, juntamente com seus consórcios (GEERTZ, 1989), sob a tutela da LEI Nº 8.830, de 21 de janeiro de 2008 que institui a Política Estadual de Gestão e Proteção à Bacia do Alto Paraguai no Estado de Mato Grosso, bem como da LEI Nº 9.985, de 18 de julho de 2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.

A feitura da canoa é uma realização de grupo em diálogo, pois nenhuma canoa é fabricada por uma pessoa somente, sua criação exige uma soma de forças e saberes de no mínimo três ou quatro artesãos pantaneiros. A relação de reciprocidade comunitária desgastada na sociedade moderna há muito tempo, ainda é hábito em Joselândia.

A dimensão axiológica é apreendida na relação respeitosa que o artesão da canoa constitui com os seus companheiros na permuta de serviços e favores, surpreende-nos a existência da cumplicidade e solidariedade nesta vivência em oferecer a força do trabalho, conhecimento, tempo e dedicação aos vizinhos para a feitura de uma canoa encomendada. Esta dimensão explanada no espaço escolar poderia ser trabalhada em forma de Conteúdos Atitudinais (ZABALA, 1998; COLL, 2000) e constitui um dos maiores desafios aos educadores na atualidade. Os valores e virtudes desta gente

pantaneira permanecem até mesmo na relação que estabelecem com os Serviços Ecosistêmicos de Provisão, por exemplo, com a própria árvore, ao “saber respeitar” e esperar o tempo correto para a sua derrubada, e ainda se revelam quando o feitor declara ser importante a existência de leis que impeçam a derrubada de árvores no pantanal, pois reconhece que eles próprios não fazem nada para repor este recurso.

Neste processo criador, se estabelece uma relação inerente com os serviços ecossistêmicos, e o pantaneiro revela, na sua forma de ser e estar naquele espaço, a indissociabilidade da sobrevivência e o bem estar que não se divorciaram com a presença, ou não, da lógica capitalista e positivista. É uma tática de resiliência, sobrevivendo contra as barbáries das injustiças socioambientais, mas sobremaneira, há uma ecologia de resistência contra a racionalidade mercadológica que pressupõe o capitalismo. A afinidade que o pantaneiro estabelece com a natureza é passional e lá encontramos o que procuramos, “[...] conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade” (SOUZA SANTOS, 1988, p. 63).

Registramos o fato de alguns artesãos se autodenominarem como “analfabetos”, ainda que soubessem ler, sem conseguir grafar, na vontade de compreender as palavras da Bíblia. Mas ao descreverem tal situação, compreendíamos que o termo “analfabeto” era, para estes mestres da canoa, um pesado fardo que talvez quisessem se livrar. Os pesquisadores ofereceram as palavras de Paulo Freire, sobre a leitura do mundo e a leitura das palavras, sugerindo que eles não se intitulassem como “analfabetos”, mas apenas “ágrafos”: mestres de canoa que sabiam ler o mundo e interpretá-lo, mas que por ausência da escolarização não sabiam grafar as letras. Assim, a estima dessa gente esbanjava sorrisos, pois deixavam de ser “ignorantes” e passavam a ser mestres. Repetiam incansavelmente sobre a diferença entre ser analfabeto e ágrafo; e ali se misturavam os conhecimentos científicos e populares.

O saber da feitura da canoa desvenda um conhecimento de “numeramento” e para além desta etnomatemática, é possível que outros conhecimentos sejam construídos no seio da comunidade, mesmo sem os níveis de escolarização formal. Registre-se fortemente que encontramos neste contexto que educação não se trata de uma mera “transmissão” do saber da geração mais velha à mais nova, mas de valores que se moldam à reconstrução dos sentidos, na dinâmica de uma educação que se transmuda conforme o ritmo da vida. Uma pedagogia pantaneira que se ajusta a cada esvaziamento, muitas vezes em processos de deformação, para que a transformação do sujeito encontre o seu próprio transbordamento em pleno processo de formação.

Provavelmente, a literatura considere a “produção” da canoa, mas este grupo aprendeu que “feitura” está mais no âmago da pedagogia pantaneira. Assim, a vivência deste processo em Joselândia, reafirmou em nós educadores, a necessidade da retomada da fundamental compreensão da complexidade das relações existentes no mundo, visão perdida na exagerada objetivação e fragmentação das áreas do conhecimento em nome da racionalidade científica. Reanimou em nós o desejo de desfazer do divórcio entre a ciência e o senso comum, e lembramo-nos de Chevalier e Gheerbrant (2003) que, com estudos de base também em Bachelard, asseguraram que a imaginação é “irmã gêmea da razão” e que “ciência e arte despertam com símbolos, ajudando a decifrar enigmas que só os símbolos provocam”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num mundo de globalização econômica, em momentos de dissoluções de fronteiras, universalização dos valores liberais de desenfreado consumo, desgaste dos serviços ecossistêmicos, relações de exploração e empobrecimento de grande parte da população terrestre, anuímos que:

Tornou-se extremamente importante, para intervir na crise ecológica, conhecer práticas e representações de diferentes grupos, pois eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução de seu sistema social e cultural (CASTRO, 2000, p. 166).

A percepção ambiental abarca muito além da dimensão espacial, da mera consideração da territorialidade ou *locus* social como princípio que congrega a formação da cidadania. Buscamos a Educação Ambiental embasada na ética da ecologia de resistência, defensora do desenvolvimento do pensamento crítico e complexo como possibilidades da construção simultânea de valores, procedimentos e conhecimentos, bem como o respeito às diversidades que não abre mão do compromisso da educação com a dimensão ambiental.

O heterogêneo universo do ambiental, tomado enquanto relevante fenômeno sócio-histórica contemporâneo, produz uma rede de significados e se apresenta como uma questão catalisadora de um importante espaço argumentativo acerca dos valores éticos, políticos e existenciais que regulam a vida individual e coletiva (CARVALHO, 2005, p. 52).

Mesmo que não exista um sujeito iluminista de perfeição em atos e pensamentos ecológicos, a ideia do educador ambiental pode ser alicerçada no axioma ético de sua existência, cujas raízes se desdobram e procuram a sustentabilidade da árvore. Se a ética for fortalecida pelos princípios das sociedades sustentáveis [e não do desenvolvimento sustentável], o crescimento epistemológico sobe e cresce vertiginosamente a procura do sol, vencendo até a força da gravidade. Os frutos e as sementes serão a práxis que necessita ser propagada, tocando as pessoas para que um novo olhar sobre o mundo possa ser construído. E se este quadro for considerado, é a ciência da/para esperança que estará nascendo em brotos no sonho de um novo-outro modo de estar e ser no mundo com o mundo!

Pela aprendizagem com a pedagogia da canoa pantaneira, reafirmamos a importância da dimensão cultural das diferentes comunidades, a assunção das identidades é de suma importância na educação, sobretudo para os educadores ambientais.

Apesar das incertezas tantas da atualidade, temos algumas convicções das quais não podemos abrir mão e nas quais nos baseamos para acreditar na possibilidade de um mundo melhor. A primeira é que acreditamos no ser humano, na sua boniteza, não de forma ingênua, mas pautado na compreensão de que somos capazes de buscar melhorar e realizar avaliações constantes como compromisso de cidadania. Em tornar-nos melhor:

No sentido mais exterior das linguagens da EA, estão também as concepções que elas carregam. Ou seja, estão aferradas, inextricavelmente, a procedimentos, decisões, atitudes, concepções e interpretações; e em função disso tudo está também acirrado a uma trama social exercido por controles,

forças e poderes, e neste sentido, implica inexoravelmente compromissos políticos.

Se tivermos a capacidade de criticarmos o sistema de avaliação de certificação e de regulação, é igualmente dever nosso promover a autoavaliação de formação e de reestruturação (PASSOS & SATO, 2005, p. 220).

A segunda premissa é que a arte popular é uma declaração que revela o ser humano na ótica do cuidar, do feito à mão, do valor deste produto para o bem estar da humanidade e da vida no planeta. A Arte se coloca como uma das maneiras mais significativas de Comunicação e de Expressão humana, apresentando na sua possibilidade comunicacional a dimensão sensível, criativa e crítica, revelando um valor que deve importar muito à ciência voltada para a educação. A área artística pode acudir a manifestação de uma fenda para se redesenhar o cotidiano, pois no universo da Arte não há o certo ou o errado, o bonito ou o feio, o melhor ou o pior, o superior ou o inferior, há sempre belezas [com inúmeros esses], o diferente, a outra maneira, os múltiplos caminhos. Como bem expressa Boaventura de Souza Santos, (1988, p. 70):

É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser mistificado e mistificador, mas apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo como o conhecimento científico.

Acreditamos assim, na necessidade de superar a atomização da ciência e do senso comum, da razão e da poesia. Aproximando a educação escolarizada da educação não-escolarizada, extrapolando a dimensão disciplinar rumo à relação de multirreferencialidade e conjugando os mundos e sujeitos às trocas de saberes sem hierarquias, propomos a construção epistemológica de forma amorosa e comprometida politicamente, uma vez que a “Educação Ambiental é bilíngue – ela traz a linguagem científica dos conceitos próxima à linguagem poética do sentido subjetivo” (SATO, GAUTHIER E PARIGIPE, 2005, p. 113).

## REFERÊNCIAS:

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRASIL. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M. e CARVALHO, I. (org.) *Educação Ambiental – pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

- CASTRO, E. Território, biodiversidades e Saberes de Populações tradicionais. In: DIEGUES, A. C. (org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário dos Símbolos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.
- COLL, C. (org.). *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- DELORS, J. et. al. *Educação: um tesouro a descobrir*. 10ª. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2006.
- FREIRE, P. Educação, o sonho possível. In: BRANDÃO, CARLOS R. (org.) *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água: 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- MAFESOLLI, M. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forence, 1987.
- MEC. *Plano Nacional de Educação [PNE]*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16478&Itemid=1107](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16478&Itemid=1107) . Acesso em 06 abril.2011.
- MILLENNIUM ECOSYSTEMASSESSMENT. *Ecosystems and human well-being: current state and trends: findings of the Condition and Trends Working Group*. Washington, DC: International and Pan-American Copyright Conventions, 2005.
- MORIN, E. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2007.
- PASSOS, L. A e SATO, M. De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa. In: SATO, M. e CARVALHO, I. (org.) *Educação Ambiental – pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.213-232.

SATO, M., GAUTHIER, J., PARIGIPE, L. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. *IN: SATO, M. e CARVALHO, I. (org.) Educação Ambiental – pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SATO, M., PASSOS, L. A., ANJOS, A., GAUTHIER, J. Jogos de luzes: sombras e cores de uma pesquisa em educação ambiental. *Revista de Educação Pública*. v.13, n.23, 31-55, 2004.

SATO, M. O instituído e o instituinte na Era de Aquário. *Revista Sina*. Setembro de 2009, Cuiabá: Oficina A104, 2009. p. 17-18.

SATO, M. Canoa: escultura do tempo das águas. *Revista Sina*. 12 de março de 2001 [download] <http://www.revistasina.com.br/portal/articulas/item/169-canoa-escultura-do-tempo-das-%C3%A1guas>.

SILVA, R.; SATO, M. Do invisível ao visível: a construção de identidades na ecologia de resistência. In: SANTO, J. ; ZANIN, E.; MOSCHINI, L. (Orgs.). *Faces da polissemia da paisagem: ecologia, planejamento e percepção*. São Carlos: Rima, vol. IV, 2011 [no prelo].

SILVA, T. T. da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 8ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUSA SANTOS, B. *A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência*. 7ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA SANTOS, B. (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.

SOUZA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna*. *Estud. av.* [online]. 1988, vol.2, n.2, pp. 46-71. ISSN 0103-4014.

TRAJBER, R.; SATO, M. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. *Revista eletrônica do mestrado em educação*. V. especial, 2010, p. 70-78. <http://www.remea.furg.br/edicoes/vesp2010/art5vesp2010.pdf>.

TRISTÃO, Martha. *A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas – UFES* – <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT22-3691--Int.pdf> (agosto/2009).

VIÉGAS, A. Complexidade: uma palavra com muitos sentidos. *In: FERRARO JR., L.A. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: MMA/DEA, 2005.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.